

O HIPERFOCO COMO RECURSO PARA PROMOVER APRENDIZAGEM E INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): POSSIBILIDADES NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Caroline Vitória Cabral do Nascimento¹

Thiago Rodrigo Fernandes da Silva Santos²

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o ser humano em diversas áreas. Uma das características desse espectro é o hiperfoco, que pode se manifestar de forma intensa, levando o indivíduo a se concentrar profundamente em um interesse específico por um longo período de tempo. Em outros casos, pode ser mais leve, permitindo que o indivíduo consiga se envolver em outras atividades, apto a dividir sua atenção. Essa ação reflete a individualidade de cada pessoa com TEA. Através dessas informações, por meio de uma pesquisa documental, analisamos o Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, com o intuito de estudar a inclusão de alunos com TEA no âmbito da instituição, tendo como eixo central o hiperfoco. Os principais resultados apontaram que, embora haja o esforço da comunidade escolar em busca da inclusão dos sujeitos com TEA, a característica “hiperfoco” ainda não é debatida e aprofundada como possibilidade para as atividades de adaptação curricular. Logo, tem-se um caminho aberto para formas outras de inclusão dos sujeitos público-alvo da Educação Especial.

Palavras-chave: Hiperfoco. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that affects human beings in several areas. One of the characteristics of this spectrum is hyperfocus, which can manifest itself intensely, causing the individual to focus deeply on a specific interest for a long period of time. In other cases, it may be lighter, allowing the individual to get involved in other activities and divide their attention. This action reflects the individuality of each person with ASD. Using this information, through documentary research, we analyzed the Pedagogical Political Project of the College of Application of the Federal University of Pernambuco, with the aim of studying the inclusion of students with ASD within the institution, with hyperfocus as its central axis. The main results showed that, although there is an effort by the school community to seek the inclusion of subjects with ASD, the “hyperfocus” characteristic is still not debated and deepened as a possibility for curricular adaptation activities. Therefore, there is an open path for other forms of inclusion of the target public subjects of Special Education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD). College of Application of the Federal University of Pernambuco. Hyperfocus. Inclusion.

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Orientador. Professor do Departamento de Políticas e Gestão da Educação (DPGE), Centro de Educação (CE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem o intuito de explorar a percepção dos educadores e profissionais, através do Projeto Político Pedagógico (PPP), do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco sobre o papel do hiperfoco como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Buscamos compreender como as abordagens, que utilizam o hiperfoco de maneira positiva, podem impactar no desenvolvimento escolar desses alunos³.

O objetivo geral é investigar o hiperfoco como uma estratégia de desenvolvimento para estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, analisando o documento do Projeto Político Pedagógico e quais são as alternativas encontradas que promovam a inclusão desses alunos. E, como objetivos específicos: (1) Analisar como o Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco aborda a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista; (2) Identificar quais estratégias são descritas no Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, para incluir os alunos no ambiente escolar através do hiperfoco; e (3) Discutir como o uso do hiperfoco, no âmbito das práticas pedagógicas descritas no Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, pode ajudar na construção de estratégias individualizadas de ensino para alunos com Transtorno do Espectro Autista, promovendo a inclusão e o engajamento destes no processo de aprendizagem.

Espera-se que este estudo forneça *insights* que contribuam para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e inclusivas no ambiente escolar, visando promover o sucesso acadêmico e a qualidade de vida desses alunos. Além disso, espera-se abrir possibilidades em pesquisas futuras, tais como investigações mais aprofundadas sobre o desenvolvimento do hiperfoco em alunos com TEA, o desenvolvimento de programas de formação para educadores com o objetivo de melhorar a identificação e aproveitamento do hiperfoco, e a avaliação dos impactos a longo prazo da inclusão do hiperfoco no currículo escolar.

Durante os estudos em Pedagogia, o interesse por essa pesquisa surgiu ao longo dos estudos em campo, onde eu tive a oportunidade, por meio dos estágios em escolas municipais da educação básica, a oportunidade de atuar como acompanhante de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante tais experiências foi testemunhado, em primeira mão, o potencial transformador do hiperfoco no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças.

³ Toda revisão linguística e de normatização do texto desse artigo é de responsabilidade da aluna concluinte.

Ao observar o fenômeno do hiperfoco em alguns alunos, como um deles que demonstrava um intenso interesse em bandeiras e vídeo games, percebemos a oportunidade única de usar esses interesses como alavanca para o aprendizado. No entanto, também notamos uma lacuna significativa entre a presença desse recurso e a falta de iniciativa por parte dos educadores em explorar seu potencial. Motivados por essas experiências, nossa busca por respostas e soluções se intensificou. A importância da presença do hiperfoco e sua subutilização despertou em nós o interesse em investigar mais profundamente seu papel como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA.

Assim, esta pesquisa não é apenas um exercício acadêmico, mas uma extensão direta de nossa paixão pela educação inclusiva e pela valorização da singularidade de cada aluno.

Esperamos não apenas preencher a lacuna identificada na literatura científica, mas também, sensibilizar os educadores sobre a importância de explorar o potencial do hiperfoco como uma estratégia educacional promissora.

2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa que afeta o desenvolvimento do ser humano em diversas áreas, incluindo comunicação, interação social e comportamento. Igualmente, Kanner traz sintomas do TEA como a dificuldade da comunicação o desejo obsessivo e ansiedade desde a infância. Após oito décadas de pesquisa de Kanner, o autismo tinha como características precoces e pejorativas relacionadas a esquizofrenia. Logo, o autismo foi para subcategoria dos transtornos de neurodesenvolvimento, denominado de transtorno do espectro autista e agora, segundo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5): “[...] o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos.” (APA, 2022, s/p.)

Segundo os autores Paiva, Ramos, Ribeiro e Sátiro (2024), nas suas pesquisas sobre a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica, é evidenciado que o TEA gera uma certa dificuldade nas pessoas que estão dentro do espectro, em conectar pensamentos, falas e ideias, causando dificuldade na interação e em diversos aspectos sociais.

A Organização Mundial da Saúde (2023), em seus dados mais recentes, trouxe dados em que a cada 100 crianças no mundo, uma possui o TEA. O TEA é caracterizado, segundo a OMS, por comportamentos atípicos, como, por exemplo, a dificuldade em se atentar a detalhes

ou a passar de uma atividade para outra. Por se tratar de um espectro, existem características que são peculiares de cada indivíduo, mas também existem características que podem ser padronizadas, tais como: dificuldade na interação, ecolalia, falta de contato visual e padrões incomuns na fala, além de outros padrões.

Algumas atitudes, tanto da família como o ambiente social que o indivíduo com TEA pode estar inserido, que podem ajudar no dia, é a compreensão, a paciência, o apoio psicológico e médico, além de estabelecer uma rotina e estratégias que possam ajudar na aprendizagem da pessoa com o espectro.

A rotina é um elemento crucial na vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo estabilidade emocional, reduzindo a ansiedade e facilitando transições suaves entre atividades. Fornecendo uma estrutura previsível que promova a organização, gestão do tempo e o desenvolvimento da independência. Ao criar um ambiente estruturado, a rotina possibilita oportunidades regulares para interação social, aprendizado e crescimento pessoal, desempenhando um papel fundamental no apoio ao bem-estar e à qualidade de vida das pessoas com TEA.

Sendo notória a importância de construir uma rotina, pelo fato de reduzir a ansiedade trazendo segurança, visto que pessoas com TEA tem dificuldades com mudanças e uma rotina previsível ajuda nesse sentimento de segurança. Além da habilidade e rotina com higienização, autonomia, alimentação, trazendo mais independência.

Dentro do contexto educacional é fundamental compreender as necessidades específicas de alunos com TEA e explorar estratégias eficazes para promover seu desenvolvimento escolar e social. Segundo Silva Santos et al. (2023, p. 418):

[...] Um Plano Educacional Individualizado (PEI) descreve as necessidades educacionais, objetivos, estratégias de ensino e recursos necessários para um aluno com TEA, garantindo uma educação personalizada e focada em suas necessidades individuais.

É necessário garantir um ambiente inclusivo para estudantes com TEA, promovendo estratégias diversificadas e eficazes para o aprendizado desses alunos. A adaptação do ambiente educacional, capacitação profissional, e promover uma cultura de empatia e aceitação são passos fundamentais para garantir que esses estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade e oportunidades iguais de desenvolvimento e aprendizado.

Portanto, na educação de alunos com TEA a importância da interação social, da mediação e de um ambiente de aprendizado estruturado é fundamental. Adaptar e incluir, mas

também cuidar das suas habilidades sociais e emocionais, contribuindo para uma inclusão mais efetiva e enriquecedora.

Porém, é nítida as dificuldades que podem ser enfrentadas em lidar com a individualidade de cada aluno. Nas intervenções em sala de aula, feita por Nascimento, Prommechenkel e Santos (2023), ficou evidente a dificuldade dos professores em integrar e alinhar o currículo com as necessidades desses estudantes, além da falta de interação entre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a sala regular. É perceptível essa limitação no contexto escolar trabalhado pelas pesquisadoras. A importância da utilização do hiperfoco enriquece o ensino-aprendizagem, trazendo possibilidades e compartilhamentos do professor com os alunos, integrando esses estudantes na sala de aula.

Segundo Moura, Conceição e Oliveira (2023), existe bastante dificuldade na sociedade em relação a inclusão de alunos com algum transtorno em sala de aula. Podemos destacar a importância da inclusão em sala de aula, de trabalharmos no dia a dia com os alunos e a família sobre a inclusão. Moura, Conceição e Oliveira (2023, p. 9288), também destacam que, para os alunos com TEA, é importante que:

[...] reforçando sua participação na vida escolar e cotidiana dos mesmos, através do uso de técnicas que facilitem a comunicação, colaborando para o sucesso numa educação voltada para a independência, aquisição de novas capacidades e uma possível inserção no mercado de trabalho futuro.

É reforçada a ideia de que devemos trabalhar a autonomia desses estudantes, afim de gerar uma independência e prepará-los para a sociedade. A escola e a família têm como principal lugar de tornar esse ambiente acolhedor e incluso para esse aluno. Fazendo com que ele participe, se comunique e inclua. Cabe ao professor trabalhar e aproveitar os seus interesses como forma de incluí-los no dia a dia.

Essa técnica destaca a importância de orientar o aprendizado do aluno com base em suas habilidades atuais e potencialidades, com a ajuda de um indivíduo mais experiente, como o professor. Ao integrar o hiperfoco do aluno com TEA no processo educacional, os educadores podem aproveitar seu interesse intrínseco para facilitar a compreensão dos conteúdos acadêmicos e promover uma aprendizagem significativa.

De acordo com Zorzetto (2011 apud Camelo; Santos; Santos, 2023), mesmo com os avanços nas pesquisas com o TEA, existe uma escassez de informações com dados relevantes que mostra a situação atual que se encontra e comprova a situação do autismo no Brasil. A falta desse acesso e dessas informações mostra a dificuldade de acessar dados que comprovem as

necessidades de pessoas com TEA, conseqüentemente trazendo a dificuldade de incluir pessoa com autismo ao ambiente escolar.

2.1 Hiperfoco em estudantes com Transtorno do Espectro Autista

Uma abordagem que tem ganhado destaque é a compreensão e utilização do conceito de hiperfoco como uma ferramenta pedagógica para estimular o aprendizado e a participação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Quando um aluno com TEA entra em estado de hiperfoco durante uma atividade que não está diretamente ligada ao currículo escolar, como explorar um interesse pessoal ou se envolver com um estímulo sensorial, é importante reconhecer que essa absorção profunda pode representar uma oportunidade única de aprendizado e crescimento para o aluno.

Por exemplo, se um aluno com TEA está profundamente envolvido em brincadeiras com um brinquedo específico ou fascinado por algo que capturou sua atenção, esse momento de hiperfoco pode ser um momento precioso de exploração e descoberta para ele. Nesses momentos, o aluno está concentrado e imerso em sua própria experiência, o que pode proporcionar *insights* valiosos sobre seus interesses, habilidades e preferências. Segundo Ashinof e Abu-Akel (2019, p. 1),

O hiperfoco é um fenômeno que reflete a completa absorção de uma pessoa em uma tarefa, a ponto de parecer que ela está completamente ignorando ou “desligando” todo o resto [...]

Assim sendo, é nítido a importância do hiperfoco no ensino-aprendizagem de alunos com TEA, sabendo abordar o hiperfoco de forma correta, pois o nível de concentração é enorme, podendo ser utilizado para o interesse da criança em sala de aula como forma de ensinar.

No entanto, é importante que os educadores estejam atentos para garantir que o hiperfoco do aluno seja reconhecido e direcionado de maneira intencional. Isso envolve criar um ambiente flexível e inclusivo que permita ao aluno explorar seus interesses enquanto ainda se mantém conectado aos objetivos educacionais. Os educadores podem aproveitar o hiperfoco do aluno como uma oportunidade para adaptar atividades de aprendizado que incorporem seus interesses pessoais, tornando a experiência de aprendizado mais significativa e envolvente.

Nesse contexto, surge o conceito de "hiperfoco" como uma potencial ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem de estudantes autistas. O hiperfoco refere-se à capacidade de concentração intensa e prolongada em um determinado interesse ou atividade.

Enquanto muitos aspectos do TEA são frequentemente vistos como desafios, o hiperfoco pode ser encarado como uma habilidade única e valiosa desses indivíduos. Sendo intermediado pelo professor de forma correta.

Nas intervenções pedagógicas feitas por Nascimento, Prommechenkel e Santos (2023), foi utilizado em sala de aula um hiperfoco específico no ensino-aprendizagem de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), nesse estudo ficou nítida a compreensão mais profunda adaptada do currículo, reconhecendo os interesses individuais do aluno como ferramenta importante para a vida acadêmica e social do mesmo.

Além disso, a tecnologia tem mostrado ser uma grande aliada para os estudantes, assim, podemos utilizar de forma benéfica as telas para lançar mão do hiperfoco de alunos que gostam de jogos ou desenhos. Um estudo feito por pesquisadores da Universidade de São José do Del Rei, onde Braga, Alvarenga, Dias e Pereira (2020), desenvolvem um sistema de realidade virtual para crianças com TEA.

Nesse jogo, os personagens ajudam a entender as emoções das crianças com TEA através das expressões. É nítido, a importância da tecnologia como recurso para o hiperfoco e ensino-aprendizagem e social desses alunos, visto que a grande maioria das pessoas, e principalmente jovens e estudantes com TEA, tem um hiperfoco gigantesco em telas, essa tecnologia assistiva pode ser usada de maneira eficiente para os estudantes.

A rotina e o hiperfoco estão intrinsecamente relacionados no contexto dos alunos autistas. Enquanto a rotina oferece um ambiente previsível e estruturado, o hiperfoco permite que esses estudantes se concentrem intensamente em seus interesses específicos. Essa combinação pode ser benéfica, pois a rotina proporciona o cenário ideal para que a rotina diária ajude a criança a identificar os momentos em que pode se engajar em suas atividades de hiperfoco, proporcionando um equilíbrio entre estrutura e liberdade para explorar seus interesses. Além disso, os educadores e cuidadores podem incorporar os interesses de hiperfoco na rotina, criando oportunidades regulares para ela se envolver em atividades que a motivam e a ajudam a desenvolver suas habilidades.

Dessa forma, a rotina e o hiperfoco trabalham em conjunto para promover o bem-estar e o desenvolvimento dos estudantes autistas, oferecendo um ambiente seguro e estimulante para elas crescerem e aprenderem. Também é importante considerar a perspectiva da neurodiversidade, que valoriza a diversidade de funcionamento cerebral e reconhece que cada indivíduo possui habilidades, desafios e formas únicas de processar informações. De acordo com Nicholson (2022, p. 33):

Neurodiversidade é baseada no princípio de que diferenças psicológicas e biológicas, como o autismo, devem ser vistas como uma maneira diferente, porém válida, de pensar e perceber o mundo, em vez de serem estritamente consideradas como um diagnóstico ou transtorno [...]

Ao adotar uma abordagem centrada na neurodiversidade, os educadores podem criar um ambiente inclusivo que valoriza as diferenças individuais e promove o bem-estar emocional e psicossocial desses alunos com TEA.

O hiperfoco é um conceito que possui distinções importantes. O hiperfoco se caracteriza à tendência de direcionar a atenção de forma intensa e concentrada, geralmente em áreas de interesse específicas. É uma característica fundamental da cognição humana que faz parte da neurodiversidade humana, que influencia a maneira como processamos informações e interagimos com o ambiente.

Quando as atividades não são adaptadas para acomodar os hiperfocos dos alunos, elas podem se encontrar em situações em que precisam aprender sem que suas áreas de interesse sejam consideradas. Isso pode levar a dificuldades de engajamento, atenção dispersa e frustração, já que as atividades propostas podem não estimular seu interesse intrínseco.

Portanto, é essencial que os educadores reconheçam a importância de incluir os interesses e hiperfocos dos estudantes com TEA no planejamento e na implementação das atividades de sala de aula, a fim de promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e eficaz para todos os alunos.

Ao integrar esses conceitos teóricos à prática pedagógica, os educadores podem explorar o hiperfoco como uma estratégia promissora para estimular o desenvolvimento escolar e social dos alunos com TEA. Essa abordagem não apenas capitaliza os interesses e habilidades únicas dessas pessoas, mas também promove uma educação mais inclusiva e centrada no aluno.

Segundo Freitas e Gonçalves (2021), em seu artigo “Crianças diagnosticadas com TEA na escola pública: novos desafios, velhas dicotomias”, é possível, para alunos com TEA, ter a intervenção de um Auxiliar Terapêutico (AT), em sala de aula. Podendo, também, inibir a ação professoral, decorrente a mãe de um dos alunos. Já outros pais podem achar que os ATs, são uma expertise externa ao professor.

Apesar de algumas opiniões contra ou a favor dos ATs, é possível trabalhar de uma maneira em que o professor e o acompanhante entrem em consenso para uma melhor forma de ensino aprendizagem do aluno com TEA. É possível, através do conhecimento de ambos, um trabalho em equipe que seja voltado para o hiperfoco desses alunos, aproveitando o interesse do estudante e a experiência dos profissionais em questão.

White et al. (2012 apud Cabral; Falcke; Marin, 2021, p. 494), trazem a questão do despreparo dos profissionais das áreas, tanto da saúde como da educação, na relação dos alunos com TEA, em sua análise:

[...] após análise qualitativa de 157 depoimentos de pais, identificaram que os principais estressores enfrentados pelas famílias estavam relacionados às características do TEA, como o comportamento desafiador da criança, e aos serviços inadequados, devido à deficiência de profissionais especializados na área da educação e da saúde para acompanhá-los [...]

Podemos perceber a desqualificação para lidar com os estudantes, e a escola como um dos principais papéis de socialização dos alunos, que tem como dever incluí-los e facilitar o ensino aprendizagem desses alunos que enfrentam dificuldades no dia a dia junto aos pais. É imprescindível a utilização de métodos como hiperfoco para atrair e prender esses estudantes no processo de ensino aprendizagem ou em diversas áreas para estimular e trazer avanço, como a rotina e o processo de autonomia, por exemplo.

Cabral, Facke e Marin (2023) refletem sobre a relação entre família, escola e alunos com TEA, ressaltando a necessidade de maior discussão sobre a inclusão escolar devido à complexidade do transtorno. Eles mencionam que alguns estudos, como os de Camargo e Bosa (2009) e Silva et al. (2020), já apontaram benefícios dessa inclusão para os alunos e suas famílias, incluindo a melhora da concentração nas atividades e o cumprimento das mesmas, além do estabelecimento de interações com colegas. Esses resultados também têm impacto na família, que passa a atribuir mais credibilidade às potencialidades da criança à medida que observa seu envolvimento com a aprendizagem.

Podemos afirmar que incluir implica em trazer, se preparar e fazer o possível para que o aluno se torne parte daquela sala de aula. Para isso, como professor(a), trazer atividades propostas do interesse desses estudantes com TEA, que têm dificuldades na aprendizagem, é uma forma de incluí-los naquele espaço. A partir do momento em que o estudante se interessa em fazer a atividade, proposta pelo professor onde ele está participando junto com os colegas de turma, aquele aluno se sente incluído e parte da sala de aula. A importância de saber os interesses e seus hiperfocos são importantes, justamente para usarmos como estratégia para ensiná-los.

Segundo as autoras Bianchi, Lepre e Campanharo (2023, p. 5), em sua pesquisa sobre inclusão escolar de alunos com TEA:

[...] a criança com TEA deve ser avaliada, analisada e estudada para que, através de suas particularidades, seja repensada uma inclusão efetiva e plena, sem restrições e generalizações, mostrando a educação de qualidade não é só

para classes consideradas “normais”, mas para todos independentemente de qualquer fator.

Ao estudarmos a pessoa com TEA, conseguimos descobrir seus interesses, podendo trabalhar através de seus gostos e conseguir com que a criança faça parte da sala de aula e tenha uma aprendizagem significativa e plena. A adaptação do currículo é necessária para que a inclusão seja efetiva para as crianças, de forma que elas sejam estimuladas e queiram fazer parte da sala de aula.

Caldas, Cavalcante e Santos (2024) destacam a importância do Agente de Apoio ao Desenvolvimento Educacional Especial (AADEE) em sala de aula, enfatizando as lutas e conquistas que garantiram a presença do AADEE nas legislações educacionais. Eles mencionam que, após diversas discussões e lutas promovidas por pais, educadores, políticos e outros interessados em regulamentar políticas públicas para essa comunidade, a obrigatoriedade do acesso ao AADEE em salas regulares como um direito passou a estar presente em legislações educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases 7.853/89 e sua versão posterior 9.394/96, que também garante a criação do Atendimento Educacional Especializado (art. 4º, inciso III).

Esse atendimento especializado para apoio de alunos com deficiência, tem sido essencial para a inclusão desses estudantes. Com o apoio especializado, conhecendo e trabalhando com seus alunos, o desenvolvimento deles passa a ser maior, visto que existe uma pessoa especializada dando atenção e conhecendo seu estudante, com intuito de incluí-lo no ambiente escolar.

3 METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, uma vez que esta abordagem era a mais adequada para explorar e descrever as percepções e experiências dos atores. De acordo com Silveira e Córdova (2009), o estudo qualitativo é particularmente relevante para o campo da educação, também, por não se preocupar tanto por uma representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da organização: descrevendo, compreendendo e explicando. Deste modo, os atores analisaram de forma abrangente e detalhada as respostas dos estudos qualitativos, pois as diferentes nuances e subjetividade dos fenômenos educacionais tornam esses estudos complexos.

Os estudos qualitativos são cruciais para o campo da educação porque fornecem a oportunidade de uma análise detalhada, pois cada fenômeno pode ser avaliado e interpretado sobre diferentes perspectivas. Outra razão é que muitos atores instrucionais se consideram

especialistas, o que torna os estudos qualitativos uma oportunidade para valorizar e aceitar essas expertises.

A abordagem qualitativa ao estudo facilitou a pesquisa, detalhou e contextualizou, fornecendo uma análise sobre o documento. Assim, a escolha da abordagem qualitativa para esta pesquisa era correta e crucial para capturar a complexidade das percepções que são trazidas nessa pesquisa.

Com relação ao método, optou-se pelo documental. Escolheu-se esse método como procedimento metodológico por meio de investigação por sua capacidade de examinar, de maneira sistemática e rigorosa, o material documentado e o registro que documenta as práticas pedagógicas aplicadas no ambiente escolar. A investigação documental possibilitou a análise profunda do documento escolar, políticas institucionais e práticas educacionais para alunos com Transtorno do espectro Autista (TEA), fornecendo uma visão detalhada das estratégias pedagógicas adotada pelo Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco.

A análise documental, conforme Cellard, era uma abordagem adequada. Essa metodologia pode ser usada para estudar documentos que são capazes de preservar todo o material escrito e registro das práticas escolares. Fornecendo-lhes acesso, fomos capazes de obter uma base sólida para descobrir como os professores, no Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, atendem às necessidades específicas das crianças com TEA. Além disso, um estudo crítico desse tipo foi importante para descobrir como as estratégias utilizadas são eficazes

A pesquisa foi realizada no Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), focando em alunos com TEA. O objetivo foi compreender as práticas inclusivas pedagógicas adotadas pelo PPP e como lidam com esses alunos, explorando como as intervenções impactam o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Através da análise documental, buscamos captar as nuances dessas interações, observando como o Projeto Político Pedagógico do CAP reflete as práticas adotadas.

A pesquisa se concentrou em como os hiperfocos dos alunos com TEA podem ser utilizados e trabalhados em sala de aula, quais estratégias são documentadas, se são eficazes e como as abordagens pedagógicas são ajustadas conforme necessário.

Essa metodologia proporcionou uma compreensão rica e detalhada das práticas educativas do PPP, permitindo que se refletisse sobre as formas de aprimorar a educação inclusiva para alunos com TEA. O estudo, portanto, não apenas descreveu as práticas pedagógicas, mas também buscou oferecer *insights* práticos que pudessem ser aplicados para uma inclusão melhorada e eficaz, com estratégias educacionais dentro do ambiente escolar.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAP) é uma escola vinculada à Universidade Federal de Pernambuco, voltada para a educação básica. O CAP organizou-se para atender diferentes níveis de ensino, com turmas que vão do sexto ano até o terceiro ano do ensino médio. No Ensino Fundamental, são 8 turmas do 6º ao 9º ano, enquanto no Ensino Médio existem 6 turmas da 1ª a 3ª série.

O Projeto Político Pedagógico da escola mostra uma preocupação em detalhar a história da educação do colégio e conseqüentemente da Universidade Federal de Pernambuco. A missão do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAP), segundo o documento, reflete seu compromisso com uma educação de qualidade e inclusiva, conforme destacado em sua Proposta Pedagógica.

O documento defende que o CAP busca proporcionar um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo não apenas a formação acadêmica, mas também habilidades socioemocionais essenciais para a vida em sociedade.

Um estudo feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2023), sobre habilidades socioemocionais nos alunos, analisou, no ano passado, estudantes de 15 países, incluindo o Brasil, sobre a importância e eficácia da inteligência e habilidades socioemocionais, conseguindo alcançar melhores resultados na vida acadêmica. O estudo foi realizado com alunos de 10 a 15 anos, comprovando a eficácia de trabalhar as emoções no ambiente escolar, melhorando a tolerância e sabendo lidar com frustrações, entendendo suas emoções.

O CAP mostra ter um compromisso com a educação de qualidade e com essa abordagem inovadora no ensino, segundo sua proposta pedagógica. A escola enfatiza a importância de uma formação integral do aluno tanto na área acadêmica, mas também como um indivíduo empático. Observou-se essa ênfase nas habilidades socioemocionais, que refletiu uma compreensão abrangente do que significa educar, preparando os alunos para serem não apenas competentes em suas áreas de conhecimento, mas também cidadãos críticos e solidários.

Esse aspecto é defendido como um dos princípios da educação do CAP, segundo a Proposta Pedagógica, essa abordagem é fundamental para que os alunos possam atuar de maneira consciente e engajada em diferentes contextos sociais. No documento do PPP do CAP, (2016, p. 38) é reforçado essa pauta:

Considera a produção do conhecimento como forma de emancipação humana, as interações sociocomunicativas, o cultivo da autoria, da autonomia e do

protagonismo, as diferentes expressões da inteligência, inclusive a inteligência sensível e da criatividade como dimensões inerentes ao processo de aprendizagens e de humanização.

Segundo o documento do CAP, a importância de trabalhar a inteligência sensível e a criatividade faz parte da construção da identidade do indivíduo, sendo capaz de criar o respeito, a empatia e valores que todo ser humano deve ter. Portanto, a inteligência emocional e o trabalhar das habilidades socioemocionais tornam-se essenciais visto que a escola se diz comprometida com as emoções, comportamentos e pensamentos dos alunos.

Percebeu-se, no documento, a necessidade de evidenciar as práticas docentes, a formação dos professores e os princípios formativos que orientam a atuação pedagógica. Essas características refletem a visão de uma educação que valoriza a diversidade e a inclusão, conforme apontado por Nóvoa (1999), que enfatiza a importância de uma formação contínua e de práticas que respeitem as particularidades de cada aluno. A diversidade de salas de aula e a organização das turmas são estratégias que buscam criar um ambiente educacional dinâmico e adaptado às necessidades dos estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa e integral.

A proposta enfatiza a importância da pesquisa e da formação continuada dos professores, refletindo a necessidade de um corpo docente atualizado e engajado. As atividades práticas e a utilização de tecnologias educacionais também são mencionadas como ferramentas essenciais para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, no documento. Além de manter um ambiente mais inclusivo e preparado para alunos com TEA, levando em consideração suas particularidades.

Segundo Souza et al. (2023), em sua pesquisa bibliográfica, onde são comparados diversos artigos sobre o TEA e as representações sociais dos professores, é citado um estudo analisado de 2021 sobre as representações sociais do autismo entre professores e familiares cuidadores. A autora, Maria Aparecida Guimarães (2021), concluiu junto aos resultados, que os profissionais da educação, entrevistados, têm uma imagem estereotipada do TEA, ignorando a compreensão individual do espectro, além da falta da formação dos professores, que cientificamente, é importante para a educação dos alunos.

Outra característica do PPP do CAP, é a parceria escola-família, que é citada no documento, onde é defendida a ideia de que os alunos com necessidades especiais têm esse desenvolvimento integral, visto que os pais têm laços emocionais e partilham vivências, consolidando o planejamento educacional, envolvendo uma parceria. Essa ideia também é defendida por Moura, Conceição e Oliveira (2023) em sua pesquisa sobre a importância da

família e da escola no processo de aprendizagem no TEA na infância, em que é defendido o vínculo e a participação dos familiares na educação dos alunos com TEA, ajudando na facilitação da comunicação na independência e na inserção no mercado de trabalho.

Na análise da Proposta Pedagógica do CAP, destaca-se a forte ênfase na inclusão, que é um dos pilares centrais da escola. A proposta reafirma o compromisso da instituição em criar um ambiente educacional que respeite e valorize a diversidade de seus alunos. Isso inclui a adaptação de currículos e práticas pedagógicas para atender às diferentes necessidades e habilidades dos estudantes. O documento mostrou o compromisso com a diversidade e com estratégias para a inclusão de alunos neuroatípicos.

Outro aspecto relevante é a valorização da diversidade e da inclusão, que orientam as práticas pedagógicas do colégio. Isso demonstrou um esforço em atender às necessidades de todos os alunos, respeitando suas individualidades e promovendo um ambiente escolar mais justo e acolhedor. Reforçando a ideia de Moura, Conceição e Oliveira (2023), que ratifica a ideia que a escola tem como papel fundamental a inclusão e o atendimento a alunos com TEA, além de também, não fazer distinção de nenhum indivíduo inserido no ambiente escolar, proporcionando um processo de aprendizagem eficaz e eficiente.

A valorização da diversidade é ainda mais importante para alunos com TEA. Conforme Souza (2023), é papel do professor facilitar o aprendizado e promover o desenvolvimento dos estudantes, assumindo, ao mesmo tempo, a responsabilidade pelo processo de ensino dos alunos que fazem parte do contexto inclusivo. O CAP, segundo os documentos, adota uma série de estratégias que promovem a inclusão, como a utilização de tecnologias assistivas e a formação continuada dos professores, que já foi mencionado, para que eles se tornem mais sensíveis e capacitados para lidar com a diversidade em sala de aula.

A PPP, também, destaca a importância de um o ensino colaborativo e a consultoria colaborativa, que emergem como práticas fundamentais para promover um aprendizado mais significativo e dinâmico. Essas práticas, integradas a proposta pedagógica do colégio, reforçam a ideia de que a educação deve ser um processo coletivo, onde a construção do conhecimento acontece de maneira compartilhada e participativa.

Também é notado no PPP do CAP, a preocupação com a personalização do ensino, que são fundamentais para a integração dos alunos com TEA. Documentos como relatórios pedagógicos e diretrizes institucionais evidenciam a necessidade de flexibilidade curricular e metodológica, garantindo que as habilidades e interesses dos alunos sejam aproveitados como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. No caso do hiperfoco, estratégias

pedagógicas que valorizam esses interesses específicos podem transformar o que, muitas vezes, é percebido como uma barreira em uma força educativa.

Sob essa perspectiva, um estudo conduzido por Vasconcellos, Rahme e Gonçalves (2020) investigou as experiências de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do Ensino Técnico Integrado (ETI). A pesquisa revelou que estratégias voltadas para a flexibilização curricular, a adaptação de métodos didáticos e a proposição de abordagens pedagógicas personalizadas contribuíram significativamente para a melhoria do processo de escolarização desse estudante.

Além disso, os resultados indicaram que a reorganização do tempo escolar e a implementação de um currículo diversificado, que promova a articulação de forma significativa para o aluno, por meio de uma linguagem mais clara e objetiva, podem tornar o ensino mais acessível e compreensível para estudantes com TEA. Segundo a análise de Vasconcellos et al. (2020, pp. 562-563):

A flexibilidade no cumprimento dos elementos curriculares parece ter propiciado uma adequação da temporalidade escolar às particularidades da aprendizagem do estudante com autismo, como a necessidade de um tempo maior para processamento das informações, sua tendência em focar em detalhes e dificuldade em organizar os compromissos escolares. [...] Após a implementação da flexibilização curricular associada às demais intervenções institucionais, observou-se um progresso no desempenho escolar do estudante com autismo.

É citado no PPP do CAP a flexibilização do currículo como consolidação da inclusão, com adaptações em sala, se necessário, para atender a diversidade escolar. No documento, o CAP traz o Plano Educacional Individualizado (PEI) como forma de estratégia inclusiva, para alunos neuroatípicos, com o intuito de incluí-los no âmbito acadêmico de forma mais efetiva. No Projeto Político Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFPE (2016, pp. 77-78), eles citam que:

A flexibilização do currículo, como já pontuamos, é basilar para fortalecer a proposta de consolidação da escola inclusiva. Para tal, adaptações curriculares são necessárias para atender à diversidade em sala de aula: a organização de estratégias que promovam a aprendizagem conforme as respostas educativas de cada aluno poderá indicar, ou não, a necessidade do desenvolvimento de um programa individual, tal qual o PEI.

Podemos defender o uso do hiperfoco nessas estratégias, na flexibilização do currículo, como forma de caminho para inclusão desses alunos com TEA. O PPP, consegue dar essa autonomia aos professores e para os alunos com necessidades atípicas, facilitando esse ensino-aprendizagem. A utilização do hiperfoco de um aluno com TEA, por exemplo, ajudaria na concentração e na aprendizagem.

Podemos trazer como exemplo a intervenção feita por Nascimento, Prommerchenkel e Santos (2023), onde utilizaram um hiperfoco, do anime Pokémon em um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), e o resultado contribuiu para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento do aluno. Essa mediação e estratégia do professor, em identificar o hiperfoco e trazê-lo como estratégia para incluir o estudante, mostra uma educação mais significativa.

O documento pedagógico do CAP, ao reconhecer o valor da inclusão, sugere que práticas pedagógicas adaptadas as individualidades dos alunos devem ser incentivadas, de modo a criar um ambiente onde cada aluno possa desenvolver seu potencial máximo, sem que suas características individuais sejam vistas como limitantes, mas sim como oportunidades para novos caminhos educacionais.

O Projeto político, cita o uso e a importância, da tecnologia assistivas, que são de suma importância para compensar e suprir funções humanas, ajudar no apoio e a acessibilidade para facilitar a aprendizagem dos alunos. Na PPP, é detalhado o uso dessas tecnologias como meio inclusão e aprendizagem para os alunos do CAP, facilitando a aprendizagem e a inclusão. É citado computador com *softwares* educativos, além de *mouse* óculos, teclados auditivos etc. É nítida a preocupação da acessibilidade do CAP com os alunos. Essas tecnologias podem ser utilizadas para o ensino-aprendizagem nos alunos com hiperfoco em telas (jogos, vídeos, etc.), tornando a aprendizagem e o tempo do “uso” das telas, em sala de aula, para uma aprendizagem significativa para esses alunos.

No Projeto Político do CAP, é destacado, também, o espaço de recursos multifuncionais, onde existe uma professora responsável por essa sala, trazidas pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) que é o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

No PPP do Colégio de Aplicação da UFPE (2016, p. 79), é reforçado que: “O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino.”, sendo de importância do AEE buscar oferecer suporte individualizado e adequado às particularidades de cada estudante, contribuindo para sua plena participação no ambiente escolar. Através desse atendimento especializado, o professor(a) do AEE consegue identificar o hiperfoco dos alunos com TEA, para conseguir trabalhar de forma eficaz e trazer ou reforçar, para os professores de sala de aula suas particularidades e seus interesses.

Em conclusão, o Projeto Político-Pedagógico do CAP reflete um compromisso com a inclusão e a personalização do ensino, observou-se no documento do CAP que a aprendizagem

é vista como um processo formativo e emancipatório, alinhado às práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, demonstrou, nos documentos, um comprometimento significativo com a inclusão e a qualidade educacional, especialmente em relação aos alunos neuroatípicos. De acordo com a proposta, a escola busca adaptar currículos e metodologias para melhor inclusão dos alunos

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o hiperfoco, quando compreendido e utilizado da forma devida, pode transformar-se em um grande aliado pedagógico na inclusão e no desenvolvimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise da documentação institucional do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, Proposta Político-Pedagógica (PPP), demonstrou um comprometimento consistente com a inclusão, ao oferecer um espaço que não apenas acolhe as diferenças, mas as valoriza.

Ao analisarmos como o PPP do Colégio CAP aborda a inclusão dos alunos com TEA, foi revelado que a escola adota, pelo documento, práticas inclusivas, fundamentadas nos princípios da educação integral, onde a inclusão não é tratada como uma ação superficial, mas faz parte do compromisso institucional com a diversidade. As adaptações curriculares, a valorização da diversidade e ao apoio aos estudantes com necessidades especiais são exemplos de uma proposta que busca ser uma solução que atenda às singularidades de cada aluno.

Além disso, a escola oferece, de acordo com o PPP, um ambiente propício para a realização de práticas em que o interesse específico dos alunos seja o ponto de partida para a aprendizagem, conseguindo assim, incluí-lo e podendo trazer uma aprendizagem significativa. Mostrando que o hiperfoco pode ser uma estratégia que se encaixa no currículo, longe de se apresentar como um limitador, podendo ser uma força mobilizadora, capaz de motivar esses alunos para a realização de atividades escolares.

Além de que, o uso do hiperfoco, pode ser um importante recurso para o desenvolvimento dos alunos com TEA. A pesquisa evidenciou que o CAP, a partir da absorção de tais práticas, tem condições de criar um espaço formativo que respeite as necessidades individuais de cada aluno, mas que as aproveitem como recursos para sua inclusão e participação ativa no ambiente escolar. No entanto, ficou evidenciada a necessidade de se fortalecer ainda mais a formação continuada dos professores, de modo que as possibilidades de perceber os hiperfocos dos alunos com TEA e aplicar tais estratégias para que sejam ampliadas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. S. **Estudo comprova que habilidades socioemocionais ajudam alunos.** Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/pesquisa-ocde-mostra-como-habilidades-socioemocionais-ajudam-alunos-em-varias-areas/>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **American Psychological Association.** Disponível em: <https://www.apa.org/>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- ASHINOF, B. K.; ABU-AKEL, A. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. **Psychological Research**, v. 85, n. 1, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00426-019-01245-8>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- BIANCHI, V. A.; LEPRE, R. M.; CAMPANHARO, A. S. A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). In: **Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)**, n. 2, 2022.
- BORGES DE PAIVA, A.; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; CRISTINA PIOLLA HILLESHEIM, M. Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 16–33, 25 dez. 2021.
- BRAGA, P. A. D. S. et al. Desenvolvimento de um sistema de realidade aumentada para interação com crianças com transtorno do espectro autista. **Congresso Brasileiro de Automática - CBA**, v. 1, n. 1, 2019.
- BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.
- CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 23 jul. 2021.
- CALDAS, H. W. B. DE L.; CAVALCANTE, T. C. F.; SANTOS, T. R. F. DA S. A contribuição do AADEE na inclusão de alunos com deficiência intelectual nas escolas municipais do Recife-PE. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 11, n. 1, p. e0240008–e0240008, 22 fev. 2024.
- CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008>.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO - CAP - UFPE. Disponível em: <https://www.ufpe.br/cap>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- DE MOURA, Liliane Clemente; DA SILVA CONCEIÇÃO, Maria Luiza; DE OLIVEIRA, Paula Rebello Magalhães. A importância da família e da escola no processo de aprendizagem

no TEA na infância. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 4, p. 9287-9304, 2023.

DSM-5 TR E CID-11 – Diagnóstico de transtorno do espectro. **Instituto Inclusão Brasil, São Paulo**, 19 mar. 2023. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectro-autista/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

DUDLEY, K. **Transtorno do Espectro Autista: educação e inclusão**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. C. DE; GONÇALVES, R. B. Crianças diagnosticadas com TEA na escola pública: novos desafios, velhas dicotomias. **Horizontes**, v. 39, n. 1, p. e021018–e021018, 24 abr. 2021.

KANNER, L. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Editorial Psique & Editorial Paidós, 1966. p. 720.

LARESSA OLIVEIRA PAIVA et al. Transtorno do Espectro Autista: a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. e14892–e14892, 7 jan. 2024.

MOURA, C. L.; CONCEIÇÃO, S. L. M.; OLIVEIRA, M. R. P. **A importância da família e da escola no processo de aprendizagem no TEA na infância**. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9712/3747>. Acesso em: 14 out. 2024.

NASCIMENTO, T. A. DO; PROMMERCHENKEL, V. B.; SANTOS, M. B. C. S. Hiperfoco como caminho para o aprendizado e inclusão de alunos com autismo. **Anais da Semana da Pedagogia**, n. 8, 25 out. 2023.

NICHOLSON, R. M. **Hyperfocus in autism: An exploration inspired by the principles of neurodiversity**. Dissertation, Immaculata University, 2022.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Porto: Porto Editora, 1999.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Trastornos del espectro autista**. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 02 nov. 2024.

PONTES, Pauliana; CAMELO, Dâmaris; SANTOS, Thiago. A legislação educacional referente à inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista: tópicos para o debate. **Revista de Administração Educacional**, v. 14, p. 40-55, 2024. DOI: <10.51359/2359-1382.2023.258670>.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL DO CAP UFPE. Projeto **Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFPE**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39038/0/PP+CAP+mar%C3%A7o+2020.pdf/cb5990b2-55ed-41df-b35a-9913c738bd47>.

SILVA SANTOS, Y. S.; TEIXEIRA, V. R. L.; BRINGEL, M. F. A. Identificação e Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Primeiros Anos Escolares: Uma

Revisão de Literatura. **Id on Line Rev. Psic.**, v. 17, n. 68, p. 412-429, 2023. DOI: <10.14295/idonline.v17i68.3858>. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 06 fev. 2024.

SILVA, M. Z. D. L.; ARTUSO, A. R.; TORTATO, C. S. B. Tecnologias de inclusão no ensino de crianças com TEA. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 12, n. 26, p. 157-179, 2020.

SOUZA, R. S. de. **Educação e justiça social: uma análise da equidade na seleção escolar**. São Paulo: Editora Moderna, 2015.

SOUZA, Sharmilla Tassiana de. **Representações sociais de acadêmicos do curso de Pedagogia sobre o Transtorno do Espectro Autista**. 2023. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

SOUZA, Sharmilla Tassiana de; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire; CEZÁRIO, Emanuelle Tótolí de Oliveira. O Transtorno do Espectro Autista e as representações sociais de professores: uma revisão de literatura em produções acadêmicas brasileiras. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 20, p. 113-127, 2023.

VAN ZANTEN, A. **Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v22n01/v22n01a03.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

VASCONCELLOS, S. P.; RAHME, M. M. F.; GONÇALVES, T. G. G. L. Transtorno do Espectro Autista e Práticas Educativas na Educação Profissional. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p. 555–566, 18 dez. 2020.